

**Ficha catalográfica dinâmica como recurso educacional para cursos de biblioteconomia****Dynamic catalog sheet as an educational resource for biblioteconomy courses**

DOI:10.34117/bjdv5n8-055

Recebimento dos originais: 14/07/2019

Aceitação para publicação: 20/08/2019

**Graciane Silva Bruzinga Borges**

Bacharel em biblioteconomia - UFMG

Mestre em ciência da informação - UFMG

Doutoranda em gestão e organização do conhecimento - UFMG

Instituição: universidade federal de Minas Gerais - UFMG

Endereço: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, Brasil

E-mail: gracianebruzinga@gmail.com

**Letícia Dos Santos Miranda**

Graduanda de biblioteconomia - UFMG

Instituição: universidade federal de minas gerais - UFMG

Endereço: Av. Pres. Antônio carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, Brasil

E-mail: leticiastmiranda@gmail.com

**Mariana Freitas Caniello De Carvalho**

Mestranda em ciência da informação - UFMG

Instituição: universidade federal de Minas Gerais - UFMG

Endereço: Rua Amaros, 382 apt 302. Bairro São Paulo. Cidade Belo Horizonte - MG

E-mail: mcanicarvalho@gmail.com

**Celsiane Aline Vieira Araújo**

Bacharel em ciência da informação pela puc Minas

Especialista em organização da informação em contexto digital - UFMG

Mestre e doutoranda em gestão e organização do conhecimento - UFMG

Instituição: universidade federal de minas gerais - UFMG

Endereço: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, Brasil

E-mail: celsianeavaraujo@gmail.com

**Benildes Coura Moreira Dos Santos Maculan**

Doutora em ciência da informação - UFMG, professora adjunto/UFMG

Instituição: universidade federal de Minas Gerais - UFMG

Endereço: Av. Pres. Antônio carlos, 6627 - pampulha, belo horizonte - MG, Brasil

E-mail: benildesmaculan@ufmg.br

**RESUMO**

A Ficha Catalográfica é um instrumento utilizado pelos bibliotecários para compilar dados bibliográficos (descritivos e temáticos) de recursos informacionais, tais como livros, para individualizá-los e facilitar a localização de assuntos e de documentos em acervos físicos em

diferentes unidades de informação. Este trabalho tem como objetivo a concepção de uma Ficha Catalográfica Dinâmica como recurso educacional a ser utilizado em disciplinas do campo temático da Organização e Tratamento da Informação. Para isso, o referencial teórico foi elaborado com apontamentos sobre o curso de Biblioteconomia e os princípios gerais de seis disciplinas nesse campo: Fundamentos de Organização da Informação; Análise de Assunto; Linguagem de Indexação; Catalogação Descritiva; Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal, juntamente com as características da Ficha Catalográfica tradicional. A metodologia é composta de cinco fases: 1) planejamento; 2) execução; 3) operação; 4) manutenção; e 5) encerramento, e tem como base uma parceria com o curso de Sistemas de Informação da Universidade Federal de Minas Gerais e com o Centro de Apoio à Educação a Distância da mesma universidade. Os resultados parciais são positivos, e as ações futuras visam a melhorias quanto ao processo de ensino e aprendizagem sobre ordenação e formatação de dados bibliográficos.

**Palavras-chave:** Ficha Catalográfica Dinâmica. Ficha Catalográfica. Recurso Educacional. Organização e Tratamento da Informação. Biblioteconomia.

## **ABSTRACT**

The Cataloging Sheet is an instrument used by librarians to compile bibliographic (descriptive and thematic) data from informational resources, such as books, to individualize them and to facilitate the location of subjects and documents in physical collections in different units of information. This paper aims to design a Dynamic Cataloging Sheet as an educational resource to be used in subjects of the thematic field of Organization and Treatment of Information. For this, the theoretical framework was elaborated with notes on the course of Library Science and the general principles of six disciplines in this field: Fundamentals of Information Organization; Subject Analysis; Indexing Language; Descriptive Cataloging; Dewey Decimal Classification and Universal Decimal Classification, along with the characteristics of the traditional Catalog Card. The methodology consists of five phases: 1) planning; 2) execution; 3) operation; 4) maintenance; and 5) closure, and is based on a partnership with the Information Systems course at the Federal University of Minas Gerais and the Distance Education Support Center at the same university. The partial results are positive, and future actions aim to improve the teaching and learning process about the ordering and formatting of bibliographic data.

**Keywords:** Dynamic Cataloging Sheet. Cataloging Form. Educational resource. Organization and Treatment of Information. Librarianship.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta uma proposta que está vinculada ao macroprojeto intitulado “Estudos em Organização e Tratamento da Informação (EOTI)”, proposto pelo Grupo de Pesquisa em Representação do Conhecimento e Recuperação da Informação (RECRI), da Escola de Ciência da Informação (ECI), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). De maneira específica, o desenvolvimento do recurso está ligado ao “Subprojeto PIFD” – Programa de Incentivo à Formação Docente (PIFD), fomentado pela Pró-reitoria de Graduação

(PROGRAD), que visa contribuir para a qualidade e melhoria do ensino nos cursos de graduação da UFMG.

De maneira geral, o subprojeto prevê a modelagem de seis disciplinas presenciais do curso de Biblioteconomia em formato semipresencial, cujos conteúdos abrangem o processamento técnico de uma unidade de informação. Essa iniciativa vem possibilitando a obtenção de conhecimentos teóricos e práticos quanto às principais ferramentas e estratégias de ensino-aprendizagem disponíveis para o Ensino a Distância – EAD. Em 2017, firmou-se uma parceria com o Centro de Apoio à Educação a Distância (CAED) da UFMG com o intuito de apoio técnico pedagógico ao grupo durante o processo de produção de materiais didáticos para uso nas disciplinas contempladas no subprojeto.

As fichas catalográficas tiveram início ainda em formato manuscrito e impresso e, na contemporaneidade, são registros bibliográficos legíveis por máquina, saindo “dos catálogos impressos para os catálogos em linha até as redes de catalogação cooperativa” (MACHADO; VON HELDE; COUTO, 2007, p. 101). As fichas catalográficas fazem parte do processamento técnico em uma unidade de informação, pois são os instrumentos que descrevem os documentos (recursos informacionais) por meio de pontos de acesso e de seus aspectos formais (descrição bibliográfica), bem como de seu conteúdo (descrição temática), pela representação classificatória e pelo número de chamada dos recursos informacionais de um acervo. No ensino desse conteúdo técnico-teórico, em geral com base na segunda edição do Código de Catalogação Anglo Americano (CCAA2), os alunos elaboram registros bibliográficos no formato 12 x 7,50, de fichas catalográficas, ou MARC (MACHADO; HELDE e COUTO, 2007). No futuro, em sua atividade profissional, exige-se do catalogador saber fazer uma análise técnica dos documentos, avaliar as reais demandas por dados das instituições envolvidas (em casos de cooperação), conhecer e saber utilizar os padrões de dados, as normas, o programa e formato adotados.

Dessa maneira, a atividade de processamento técnico envolve grande complexidade de ensino-aprendizagem, razão pela qual sempre se busca inovar suas estratégias. Nessa perspectiva, deu-se origem à ideia do desenvolvimento da Ficha Catalográfica Dinâmica (FC-d), que corresponde a um recurso educacional para uso nas disciplinas da área de Organização e Tratamento da Informação (OTI) do curso de Biblioteconomia da UFMG. O propósito é inovar no processo de ensino-aprendizagem do processamento técnico por meio de um recurso que irá simular a elaboração completa de uma ficha catalográfica tradicional. Sabe-se da existência de programas automáticos de geração de fichas catalográficas não proprietários, tal

como o programa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) (disponível em: <<http://fichacatalografica.ifce.edu.br/index.php>>), sediada em Fortaleza, ou da Universidade Paulista (UNIP). Porém, esses programas apenas geram fichas catalográficas para documentos acadêmicos (dissertações, teses, TCCs), não incluindo outros tipos de materiais existentes nas coleções de diferentes unidades de informação (monografias, material audiovisual). Esse fato motivou e justificou a necessidade de dedicar esforços no sentido do desenvolvimento da FC-d.

A FC-d deverá possuir campos descritivos editáveis para preenchimento individual dos alunos, bem como possibilitar ao professor a manipulação dos dados inseridos a fim de viabilizar sua análise, correção e avaliação individualizada, para que seja um instrumento de avaliação para as seis disciplinas que abrangem o processamento técnico do curso de Biblioteconomia. Assim, faz-se necessário um minucioso planejamento do percurso metodológico a ser executado.

Neste trabalho, apresenta-se a concepção da FC-d, com a sua elaboração e implementação como um dos recursos inovadores que vêm sendo construídos por meio da parceria com o CAED. Para tanto, após a introdução, o texto se organiza da seguinte maneira: na seção 2, expõe-se o referencial teórico que fundamenta a concepção da FC-d, abordando-se tanto o contexto do próprio curso de Biblioteconomia como o escopo das disciplinas da OTI, apresentando os principais conceitos, um breve histórico e as funções da ficha catalográfica; na seção 3, é apresentada a metodologia de elaboração da FC-d, estruturada nas seguintes fases: 1) planejamento; 2) execução; 3) operação; 4) manutenção e 5) encerramento; finalmente, na seção 4, são apresentadas as análises e as considerações gerais do trabalho, bem como os resultados esperados.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

O curso de Biblioteconomia está direcionado para a atuação na organização e gestão da informação em organizações públicas e privadas. Além disso, o profissional da área possui um vasto campo de atuação como profissional liberal, por meio de consultorias, na administração e no planejamento de unidades de informação e na elaboração de sistemas de informação. Para isso, é necessária a oferta de disciplinas que integrem os níveis teórico e prático para o entendimento da atuação profissional. Dentre as disciplinas ofertadas pelos cursos de graduação, destacam-se seis, que formam a base teórica sobre a organização, o tratamento e a disseminação da informação, que são: Fundamentos de Organização da Informação, Análise

de Assunto, Linguagem de Indexação, Catalogação Descritiva, Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU). São disciplinas obrigatórias, que fundamentam o tratamento da informação e constituem as diretrizes do Grupo de pesquisa RECRI, que é formado pelos docentes das disciplinas correspondentes.

Cada disciplina apresenta aspectos importantes que levam à teorização do processo de tratamento que o bibliotecário deverá realizar para que a informação disponível em uma unidade de informação possa ser organizada, representada e recuperada, de forma a atender às necessidades do usuário. Nesse contexto, a ficha catalográfica corresponde a um importante recurso que contém os resultados compilados da atividade de processamento técnico de itens informacionais realizada pelo bibliotecário em acervos. O seu preenchimento perpassa os processos de indexação (análise de assunto e tradução) e de catalogação (principalmente, elementos descritivos), incluindo a classificação e um número de chamada para determinar uma localização individualizada dos itens que compõem um acervo.

## 2.1 A FICHA CATALOGRÁFICA TRADICIONAL

Em um Sistema de Recuperação da Informação (SRI), a catalogação é um dos processos técnicos realizados para o tratamento intelectual de um documento e seus objetivos são determinar suas características fundamentais de forma a distingui-lo de outros e apresentar esses dados em fichas catalográficas, que, por sua vez, são intercaladas em catálogos impressos de um SRI, e também são elementos de livros, teses e dissertações (CORRÊA, 2008).

A ficha catalográfica é usada desde 1775, e seu tamanho, 12,5 x 7,5 cm, foi padronizado no final do século XIX, após a impressão de fichas e sua posterior venda pela *Library of Congress* (Biblioteca do Congresso) dos Estados Unidos da América, em 1901 (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). A ficha pode conter ou não um furo na parte inferior central. Em um catálogo de biblioteca, esse furo permite que ela seja inserida em uma vareta, o que impede a sua retirada da gaveta, de forma a preservar a forma em que foi colocada.

É um elemento obrigatório de teses e dissertações, segundo a NBR 14724/2002, e de livros. Segundo essa norma, a ficha é um elemento pré-textual, ou seja, “antecede o texto com informações que ajudam na identificação e utilização do trabalho” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 2). Deve ser impressa no verso da folha de rosto, na parte inferior da folha e com o tamanho padrão de 7,5 cm x 12,5 cm. No Brasil, o

uso da ficha catalográfica foi regulamentado pela Política Nacional do Livro, no capítulo III da Lei n.º 10.753 de 30 de outubro de 2003 (BRASIL, 2003).

Nos dias atuais, os registros das fichas catalográficas são armazenados em computadores e bases de dados e formam os catálogos on-line. Nesse contexto, as fichas podem ser feitas apenas uma vez, gerando, automaticamente, diferentes entradas, o que veio facilitar as atividades biblioteconômicas. Na contemporaneidade, a catalogação é realizada a partir de programas como o Biblio.BASE, o Docbase, o Millenium, entre outros, sendo que as regras de catalogação são as mesmas, assim como a aparência final do registro apresentado é basicamente igual ao de uma ficha catalográfica manual.

### **2.1.1 Elementos da ficha catalográfica**

A elaboração de fichas catalográficas é orientada por códigos de catalogação, como o Anglo American Cataloging Rules – AACR2, que é o instrumento mais fiel aos princípios estabelecidos na Conferência de Paris (1961), e o mais aceito internacionalmente. Com a necessidade de compartilhamento das fichas, foi criada, em 1971, a International Standard Bibliographic Description (ISBD), com o objetivo de padronizar a catalogação descritiva e orientar a ordenação e as pontuações que são inseridas antes de cada informação, de modo a tornar possível seu reconhecimento por softwares computacionais. Esse tipo de padronização tem a vantagem de permitir a interpretação dos dados bibliográficos para além dos limites da barreira linguística. Esses dois códigos se complementam, uma vez que cada informação registrada na ficha catalográfica definida pelo ISBD como estrutura de zonas foi incorporada pelo AACR2 com o nome de áreas. Contudo, são instrumentos independentes.

Conforme o AACR2, as informações contidas na ficha são divididas nas seguintes áreas: 1) entrada principal ou ponto de acesso principal; 2) área do título e indicação de responsabilidade; 3) área da edição; 4) área da publicação; 5) área da descrição física; 6) área da série; 7) área das notas; 8) área do número normalizado e 9) área dos pontos de acesso secundários. Além dessas áreas, também é incluído o número de chamada. Todos esses elementos são apresentados na Figura 1.

1) H1539	2) Entrada Principal	4)
	3) Título: subtítulo / indicação de responsabilidade. – Edição. –	
	5) Local: Editora, Ano.	
	6) N <sup>a</sup> de pág. : il. – (Série, n <sup>o</sup> )	7)
	8) Notas	
	9) ISBN	
	10) 1. Ponto de acesso secundário de Assunto. I. Ponto de acesso secundário de autoria – Organizador. II. Ponto de acesso Secundário de autoria – Ilustrador. III. Título.	
		11) CDD: 025.32
		12) CDU: 025.3

FIGURA 1 – Elementos da ficha catalográfica tradicional:

1. Número de chamada
2. Entrada principal ou ponto de acesso principal
3. Área do título e indicação de responsabilidade
4. Área da edição
5. Área da publicação
6. Área da descrição física
7. Área da série
8. Área de notas
9. Área do número normalizado
10. Área dos pontos de acesso secundários
11. Notação CDD
12. Notação CDU

Fonte: elaborada pelas autoras.

O número de chamada, representado pelo número 1, é constituído pela notação de autor. A notação de autor é criada usando-se a Tabela Cutter-Sanborn (1880) ou a Tabela PHA (2000).

Na área da entrada principal ou ponto de acesso principal, número 2, é registrado o nome de um autor ou de um título, para a identificação de um item bibliográfico. A área do título e indicação de responsabilidade, número 3, traz o registro do título da obra e os responsáveis pelo conteúdo intelectual e artístico do documento, ou seja, seus autores.

O número 4 traz a área da edição. A indicação compreende um número seguido da palavra edição de forma abreviada. Na área da publicação, número 5, é escrito o local de publicação do documento, a editora e sua data de publicação. Na área da descrição física, número 6, está registrada a extensão do documento (número de páginas), se o material é ilustrativo (uso da sigla il.) e o tamanho do documento em centímetros. A área da série, 7, é usada quando o documento pertence a alguma série ou coleção.

Na área das notas, representada pelo número 8, estão informações úteis que são acrescentadas pelo Bibliotecário catalogador, mas que não têm lugar no corpo da descrição. O número 9 traz a área do número normalizado, ou seja, o ISBN (International Standard Book Number). O ISBN é um sistema que identifica numericamente determinado item com exclusividade. O número 10 representa a área dos pontos de acesso secundários. Esses pontos de acesso, também conhecidos por pistas, são um roteiro das fichas secundárias, a serem desdobradas para representar a publicação nos catálogos. Nessa área são registrados os pontos de acesso de assunto, de autoria e de título do documento. Finalmente, os números 11 e 12 referem-se aos campos destinados à inserção das notações, que são os códigos de classificação atribuídos a partir de sistemas de classificação bibliográficos, tais como CDD e CDU.

Cada área da ficha é elaborada e estudada usando-se os aportes teóricos das seis disciplinas de OTI, iniciando pela inclusão da essência do conteúdo de um dado documento advinda da atividade de análise de assunto, até a inserção dos códigos e notações resultantes do processo de indexação, obtidos por meio do uso das linguagens de indexação artificiais e que servirão para localização física da obra nas estantes de um dado acervo. Além desses, a ficha contempla a inclusão dos metadados referentes à descrição física do item, proveniente da atividade de catalogação descritiva, como exemplos, os campos destinados à identificação do título e autor.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia de construção da FC-d está sendo realizada por um grupo de trabalho composto por alunos do curso de Sistemas de Informação da UFMG matriculados na disciplina de Organização e Tratamento da Informação (OTI). Tal disciplina é ofertada sob a



responsabilidade do Departamento de Organização e Tratamento da Informação (DOTI) do curso de Biblioteconomia da mesma universidade, e a atividade está sendo realizada como proposta de trabalho final da disciplina, quando o grupo oferece uma solução voltada para a área de organização da informação.

Quanto ao *aspecto teórico*, previamente à definição da problemática, foi realizada pesquisa bibliográfica para levantamento, seleção e validação dos melhores formatos de fichas a serem considerados para construção do objeto. Já no que diz respeito ao *aspecto prático*, será realizada pesquisa de recursos digitais disponíveis no mercado de *software* que sejam compatíveis com o Ambiente Virtual de Aprendizagem do CAED e por consequência, compatível também com o ambiente *Moodle* da UFMG.

A partir disso, apresentam-se as etapas a serem realizadas para o desenvolvimento do projeto da FC-d: 1) planejamento; 2) execução; 3) operação; 4) manutenção e 5) encerramento.

### **3.1 FASE UM: PLANEJAMENTO**

#### **3.1.1 Primeira etapa: especificação da demanda**

Passo 1 – definir a problemática: fórum de debates entre alunos de Sistemas de Informação, bolsistas PIFD e professoras do RECRI a fim de elucidar as necessidades didáticas vinculadas à FC-d e especificar as funcionalidades desejáveis - o levantamento de requisitos. Passo 2 – construir planos de ação: elaboração dos Planos de Ação (PA) por parte dos grupos de alunos de Sistemas de Informação como esboços iniciais das propostas de soluções. Todos os PAs apresentados deverão conter, na perspectiva dos integrantes de cada grupo, os seguintes tópicos: 1) especificação do problema; 2) objetivo da solução; 3) metodologia proposta; 4) agentes envolvidos; 5) cronograma de execução; e 6) recursos necessários para desenvolvimento do trabalho. Passo 3 – elaborar parecer técnico: validação e/ou solicitação de ajustes dos PAs apresentados pelos alunos de Sistemas de Informação por meio de um Parecer Técnico (PT). Os PTs serão elaborados pelas professoras do RECRI, em conjunto com os bolsistas do Subprojeto PIFD.

#### **3.1.2 Segunda etapa: desenho da solução**

Passo 1 – prototipar a concepção: as soluções propostas pelos alunos dos Sistemas da Informação, a partir dos PAs aprovados, deverão contemplar os seguintes tópicos: 1) escopo do projeto; 2) não escopo do projeto; 3) objetivo geral; 4) processo de execução; 5) resultados

esperados; 6) cronograma macro; 7) equipe necessária; e 8) premissas e restrições. Passo 2 – modelar: disposição gráfica do desenho da solução para apresentação na etapa seguinte.

### **3.1.3 Terceira etapa: validação da solução**

Passo 1 – preparar apresentação: agendamento e viabilização de recursos para apresentação das propostas de solução. Passo 2 – realizar seminário: apresentação das propostas em formato de seminário presencial.

## **3.2 FASE DOIS: EXECUÇÃO**

### **3.2.1 Etapa única: elaboração**

Passo 1 – escolher a solução: definição da(s) solução(ões) mais viável(is) para elaboração por parte dos bolsistas do Subprojeto PIFD, considerando a viabilização dos insumos. Passo 2 – definir elementos de Arquitetura da Informação (AI): determinação dos instrumentos de gestão necessários e dos artefatos referentes às especificidades tecnológicas. Passo 3 – testar a AI: preparação do ambiente de teste em parceria com a equipe de diagramação do CAED e realização dos ajustes de interoperabilidade que se fizerem necessários.

## **3.3 FASE TRÊS: OPERAÇÃO**

### **3.3.1 Etapa única: implementação**

Passo 1 – capacitar equipe: repasse de conhecimento e orientação de uso a ser realizado pelos alunos de Sistemas de Informação e pelos bolsistas PIFD às professoras do RECRI. Passo 2 – realizar operação assistida: acompanhamento programado de uso do recurso a fim de sanar possíveis dúvidas em tempo real.

## **3.4 FASE QUATRO: MANUTENÇÃO**

### **3.4.1 Primeira etapa: atualização**

Passo 1 – atualizar instrumentos de gestão: revisão e atualização dos instrumentos de gestão da AI. Passo 2 – atualizar os itens de tecnologia: revisão e atualização dos artefatos referentes às especificidades tecnológicas da AI.

### **3.4.2 Segunda etapa: melhoria**

Passo 1 – realizar assistência programada: prestação de assistência técnica programada de uso do recurso a fim de verificar sua efetividade no ambiente *Moodle*. Passo 2 – debater as

lições aprendidas: promoção de encontro entre os envolvidos no projeto a fim de refletir os erros e acertos do processo e propor-lhe melhorias.

### **3.5 FASE 5: ENCERRAMENTO**

#### **3.5.1 Primeira etapa: análise antes e depois**

Passo único – realizar reunião de encerramento de projeto: promoção de encontro entre os envolvidos no projeto a fim de analisar o processo como um todo e refletir sobre possibilidades de continuidade e ações futuras.

#### **3.5.2 Segunda etapa: atestados**

Passo único – emitir certificados de capacitação: confecção de certificados de capacitação específicos para todos os envolvidos no processo.

## **4. APLICAÇÃO DA FC-d NO ENSINO-APRENDIZAGEM**

O conjunto das disciplinas de OTI visa formar o aluno para ser capaz de representar e organizar recursos de informação de maneira a facilitar a recuperação e uso do item informacional pelo usuário. Essas atividades compõem o processamento técnico da unidade de informação (tombamento, registro da obra, classificação, catalogação, indexação, número de chamada para ordenação, etiquetagem, armazenamento dos itens na estante).

As disciplinas em questão são ofertadas, em geral, sequencialmente. Sendo que, a cada semestre e o aluno preenche campos diferentes da FC-d, conforme os elementos da ficha catalográfica tradicional descritos na Figura 1, anteriormente indicada, a saber:

- 2º período - Disciplina Análise de Assunto: área destinada aos pontos de acesso secundários; indexação livre;
- 3º período - Disciplina Linguagens de Indexação: área destinada aos pontos de acesso secundários; indexação a partir de vocabulários controlados;
- 4º período - Catalogação Descritiva: áreas destinadas ao título e indicação de responsabilidade; à edição; ao ponto de acesso principal; à publicação; à descrição física; à série; às notas e ao número normalizado;
- 5º período - Sistema de Classificação – Classificação Decimal de Dewey (CDD): área destinada à notação CDD;
- 6º período - Sistema de Classificação – Classificação Decimal Universal (CDU): área destinada à notação CDU e ao número de chamada.

Inicialmente, durante a disciplina Análise de Assunto, é selecionado um conjunto de itens informacionais que formarão uma coleção. A partir dessa coleção, os alunos irão criar uma situação-problema para organizá-la em uma dada unidade de informação, fazendo os diagnósticos do acervo, das necessidades de informação e do comportamento de busca dos usuários. Como atividade na FC-d, os alunos irão elaborar uma ficha para cada um dos itens de informacionais da coleção, atribuindo os pontos de acesso secundários, em linguagem natural, como parte do processo de indexação, que é a etapa da análise de assunto.

Durante a disciplina de Linguagens de Indexação, os alunos irão fazer a segunda etapa do processo de indexação, fazendo a tradução dos pontos de acesso secundários, que estão em linguagem natural, para o vocabulário controlado de uma linguagem documentária, tal como um tesouro ou lista de cabeçalho de assunto. Fazendo uso da mesma coleção de obras e dando continuidade às atividades na FC-d, os alunos irão agora preencher para cada ficha criada na disciplina anterior os pontos de acesso secundários referentes à indexação a partir de vocabulários controlados.

Na disciplina de Catalogação Descritiva, os alunos irão trabalhar todos os campos da FC-d, por meio das normas e dos formatos de representação descritiva, tais como: o AACR2, o MARC e o ISBD. Nessa disciplina, os estudantes deverão ser capazes de elaborar os pontos de acesso e realizar o controle de autoridade de acordo com as regras de descrição.

Já nas disciplinas de Sistema de Classificação – Classificação Decimal de Dewey (CDD) e de Sistema de Classificação – Classificação Decimal Universal (CDU), os estudantes estarão em contato com os princípios e conceitos de organização da informação. O objetivo é que os alunos sejam capazes de utilizar os instrumentos e classificar os itens da coleção em conformidade com as especificidades da unidade de informação e da tipologia documental da coleção. Quanto às atividades na FC-d, os alunos irão preencher, também na ficha de cada item da coleção, os campos referentes à notação do sistema CDD e do sistema CDU, juntamente com o número de chamada.

É importante ressaltar que a cada semestre os alunos irão fazer uso da FC-d de forma gradativa. Os dados inseridos no recurso serão recebidos por cada professor das disciplinas, avaliados e corrigidos. Cada aluno receberá, individualmente, via ambiente *Moodle*, a devolutiva das atividades realizadas. No semestre seguinte, o professor da disciplina em curso terá acesso aos dados dos alunos e poderá também avaliar o nível de assimilação do conteúdo da etapa anterior e decidir pela melhor estratégia de ensino no semestre atual. Desta maneira, por meio da utilização continuada da FC-d, espera-se que os alunos tenham, ao final do curso

de Biblioteconomia, uma ampla compreensão e capacitação do conjunto de processos e das principais atividades do processamento técnico, no que se refere à catalogação descritiva e temática de uma determinada coleção.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma proposição metodológica para concepção e implementação de um recurso dinâmico, visualmente semelhante a uma Ficha Catalográfica tradicional, porém, com campos editáveis. Constatou-se que este recurso servirá de base para exercícios práticos em disciplinas da área de OTI. Na contemporaneidade, as fichas catalográficas são armazenadas, em sua maioria, em computadores, auxiliando bibliotecários e editores, por exemplo, na manutenção dos catálogos de bibliotecas ou outros tipos de unidades de informação. O uso de normas e códigos internacionais permite a padronização da catalogação em bases de dados e facilita o controle bibliográfico de um país.

A FC-d tem como objetivo dinamizar o processo de ensino-aprendizagem das atividades de processamento técnico em diferentes unidades de informação, a partir da elaboração da ficha catalográfica, que irá auxiliar o aprendizado da ordenação e formatação dos dados bibliográficos, em conformidade com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2), assim como a notação indicativa do autor, conforme a Tabela de Cutter-Sanborn.

Além disso, acredita-se que será possível alinhar o recurso para gerar uma classificação geral de assunto da obra, a partir da Classificação Decimal de Dewey (CDD) e da Classificação Decimal Universal (CDU), que são os dois sistemas de classificação bibliográfico ensinados no curso de Biblioteconomia.

No que tange à concepção de EAD, na qual se insere o escopo do Subprojeto PIFD e o processo de reconfiguração das disciplinas de OTI, pretende-se incentivar o formato híbrido (EAD e presencial) para o processo de ensino e aprendizagem da ficha catalográfica. Tal processo dar-se-á por meio da realização de exercícios de preenchimento da FC-d no ambiente *Moodle* permitindo a colaboração, já que a ficha terá campos editáveis e melhor apreensão da prática de catalogação no contexto prático colaborativo. Nesse sentido, o recurso didático de seminário, previsto para a fase de validação da solução poderá também ser considerado para compartilhamento de experiências entre alunos e professores.

**REFERÊNCIAS**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14274: Informação e Documentação: Trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro, p. 7. 2002.

BRASIL. Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. **Diário Oficial da Imprensa Nacional**, Brasília, DF, 30 out. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/leis/2003/L10.753.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.753.htm)>. Acesso em: 29 jul. 2018.

CORRÊA, R. M. R. **Catálogo descritiva no século XXI**: um estudo sobre o RDA. 2008. 65f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. 451p.

MACHADO, E. C.; VON HELDE, R. R.; COUTO, S. D. Ensino de catalogação: da teoria à prática. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 100-106, jul./dez. 2007.